

DIFERENTES TIPOS DE VIOLÊNCIAS CONTRA O PROFESSOR NO AMBIENTE ESCOLAR: CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS

[\[ver artigo online\]](#)

Milena Oliveira Barbosa Gomes Ferreira¹

RESUMO

Este trabalho tem como objeto de estudo a violência nas instituições de ensino, com ênfase nos professores que sofrem violência por parte dos alunos e segue uma abordagem de pesquisa qualitativa, de cunho exploratório utilizando como instrumento a pesquisa bibliográfica. O estudo tem como principal objetivo identificar as formas de violência praticadas por alunos contra o professor, apresentando formas de intervenções. A partir das informações coletadas, foram analisados e discutidos, em primeiro lugar, os fatores que levam os alunos a atos violentos; num segundo momento as consequências que esses atos causam nos professores; em terceiro a análise de notícias sobre o tema proposto; e concluiu-se, por fim, com as formas de combater essas atitudes, sendo necessário a reavaliação do papel do professor, do aluno, da escola e da sociedade frente a essa problemática, para que se erradique essas ações.

Palavras-chave: Violência. Aluno. Professor

DIFFERENT TYPES OF VIOLENCE AGAINST TEACHERS IN THE SCHOOL ENVIRONMENT: CAUSES AND CONSEQUENCES

ABSTRACT

This work has as its object of study violence in educational institutions, with emphasis on teachers who suffer violence from students and follows a qualitative research approach, with an exploratory nature, using bibliographical research as an instrument. The main objective of the study is to identify the forms of violence practiced by students against the teacher, presenting forms of intervention. Based on the information collected, the factors that lead students to violent acts were analyzed and discussed, firstly; in a second moment, the consequences that these acts cause in teachers; third, the analysis of news on the proposed topic; and, finally, it concluded with ways to combat these attitudes, making it necessary to reassess the role of the teacher, the student, the school and society in the face of this problem, in order to eradicate these actions.

Keywords: Violence. Student. Teacher.

¹ Acadêmica do curso de Graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário no Rio de Janeiro (UNICARIOCA).
E-mail: milenaoliveiragomes@gmail.com



INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe-se analisar os diferentes tipos de violência contra o professor no ambiente escolar e tem como questão as causas e consequências que essa violência pode influir na prática docente.

Para uma melhor compressão será dissertado o papel do professor e da escola contemporânea e a gradativa mudança nas práticas pedagógicas, onde o professor deixou de ser o detentor único do saber e o aluno passou a ter um papel ativo na aprendizagem.

Pretende-se também mencionar que sem a efetividade das Políticas Públicas, falta de apoio do corpo pedagógico da escola e com pais ausentes, na educação dos filhos, esse professor está vulnerável a sofrer atos de violência nas dependências da escola. Simultaneamente a isso as consequências da violência se dá de forma bem expressiva na vida do professor. Casos de abandono de função, altos níveis de estresse, síndrome de Burnout e depressão são alguns dos efeitos dessa violência.

CARACTERÍSTICAS DO ANTIGO PAPEL DA ESCOLA E DO PROFESSOR EM COMPARAÇÃO AO ATUAL.

É notável a mudança que a escola como instituição, local de formação e influenciadora do mundo, teve no decorrer dos anos, e como essas mudanças foram necessárias visto as transformações do perfil da sociedade ao longo do tempo.

Faz-se necessário estabelecer paralelos comparativos, para entender as modificações que ocorreram nas escolas ao longo da história do país, tendo como primeiro item a diferença entre o ensino tradicional e o ensino contemporâneo.

A educação tradicional tem como característica a centralização no professor, pois ele é o detentor do saber, é o responsável por ensinar e transmitir os conteúdos impostos pelo currículo escolar. O aluno é mero ouvinte, agente passivo no processo de aprendizagem. O foco é o desenvolvimento das competências intelectuais. Utiliza-se o método de memorização, exercícios repetidos, cartilhas e de lições de casa para o aprendizado. Para confirmar essa descrição Passos (2011) enfatiza que a escola de antigamente funcionava, na maioria das vezes, na base da ameaça e do castigo que eram traços de uma cultura militarizada e rigorosa.

Já a educação atual tem o aluno como personagem principal, o construtor de sua aprendizagem que interage com o meio em que vive e assim aprende através da experimentação, da curiosidade, da pesquisa, de estímulos e de dúvidas. O foco está no desenvolvimento do raciocínio, no pensar, no fazer através de suas próprias vivências. O professor aqui é um mediador, um ajudador no processo de conquistas e aprendizagem.

Outro item a ser destacado é a contraposição da escola excludente, onde poucos tinham acesso, uma escola elitista e a escola democrática, no qual o ingresso de todas as crianças na escola deve ser garantido pelo Estado. A escola era para poucos e só servia para uma determinada camada social, a elite, pois não era considerada uma prioridade para os desfavorecidos, visto que os mais pobres precisavam trabalhar, para se sustentar.

Atualmente remete-se ao Estado o dever de efetivar o direito à educação mediante a garantia de acesso à educação infantil, ao ensino fundamental e ao ensino médio obrigatório e gratuito perfazendo-lhe o status de direito público subjetivo.

Há um dever constitucional da União, Estados e municípios em assegurar a universalização do ensino básico gratuito, organizando seus sistemas educacionais e definindo as formas de colaboração entre os entes da federação brasileira. Passos (2011) destaca que com o decorrer do tempo houve muitos progressos, porém a permanência das crianças na escola continuam sendo um impasse na educação brasileira, visto que retoma ao início da situação, onde os ricos permanecem e os pobres continuam a ter que trabalhar, deixando a educação em segundo plano.

Além disso as transformações da educação ao longo do tempo não ocorrem sem conflitos, tanto em relação à função social quanto ao lugar de maestria. Estar no papel de educador significa assumir uma certa posição frente ao mundo, implica desejar o desejo de aprender do aluno. E isso também não ocorre sem produzir resistências, num mundo onde as instituições privadas fazem imposições ao trabalho do professor, comprometendo seu próprio desejo. Acreditamos que esse mal-estar vivido pelo educador é um entrelaçamento entre condições subjetivas e as condições histórico-culturais.

As instituições escolares nem sempre disponibilizam um lugar de escuta, ou seja, um espaço onde a angústia do professor possa circular através das palavras e experiências de cada um, um tempo para refletir e elaborar um turbilhão de sentimentos vividos no seu dia a dia. Sem falar no trabalho isolado de cada professor, situação imposta pela especificidade deste

labor, e a falta de oportunidade de ressignificar sua angústia na troca de seus pares, o que pode levar ao adoecimento psíquico ou corporal.

Como foi mencionado a cima o papel do professor exige dele, hoje, um certo posicionamento diante dos alunos em sala de aula, exige um equilíbrio psíquico, uma variedade de papéis a desempenhar como mestre, amigo, e mesmo familiar. Estar nesse lugar convoca uma exposição de suas emoções, mesmo os mais terríveis afetos. Sem falar na relação afetiva que se cria entre o aluno e professor, sendo este último, segundo Freud, “o herdeiro do lugar dos pais, do pai em particular. Esta relação, Freud denominou de transferência, a qual quando se instala torna o professor depositário de algo que pertence ao aluno”. (1914 *apud* DECONTE *et al.*, 2012. p. 37)

O excesso de demanda endereçada ao professor, derivado da escola, dos pais e da sociedade, leva – o a assumir responsabilidades que vão além do seu *métier*. Quase tudo passou a ser responsabilidade do professor, gerando constata angustia. O espaço de troca com os alunos, com os pais, com a escola, com seus pares, vem sendo reduzido; o reconhecimento da sua profissão vem diminuindo gradativamente com o tempo, levando a um desestímulo, falta de energia, e instalando uma intranquilidade no seu fazer. Sendo assim a falta de sintonia entre escola e família, no que refere ao papel de ambas as instituições e a falta de parceria entre escola e os docentes, concorre para o professor avaliar suas atitudes e a própria profissão.

TIPOS DE VIOLÊNCIAS PRATICADAS CONTRA O PROFESSOR NAS ESCOLAS SUAS CAUSA E CONSEQUÊNCIAS.

A violência se dá de várias formas, seja violência física, psicológica, depredação dos bens materiais e outros. O professor e até mesmo a escola estão sendo vítimas de ações violentas, causadas por alunos o que influencia e agrava ainda mais a convivência de alunos e professores. Segundo Araújo (2016) o ambiente escolar atual, tem sido marcado por muitos tipos de causadores de medo, de angústia, entre estes podemos destacar o grande número de professores, os quais têm sofrido ameaças e agressões por parte de alunos.

De acordo com dados de uma pesquisa feita pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) sobre violência em escolas com mais de 100 mil

professores, o Brasil lidera o ranking de agressões contra docentes. Dentre os professores ouvidos, 12,5% afirmaram ser vítimas de agressões verbais ou intimidações de alunos.³

Em casos mais extremos, conforme Araújo (2016) alunos referem-se aos professores fazendo uso de termos ou apelidos pejorativos e palavras de baixo nível, além da ocorrência, mesmo, de agressões físicas. Mas talvez a violência maior que sofre o professor seja não autorizar as iniciativas necessárias para o encaminhamento adequado do problema.

Diante do contexto exposto acima percebemos que na relação entre escola e violência, a mesma, não se resumem a um único tipo de violência, mas são diferentes tipos de violência, provenientes tanto da região, que permeia o espaço escolar, como de situações geradas no interior do próprio âmbito escolar, furtos, depredações e até graves casos de agressões.

Outra agressão sofrida, pelos professores, são os danos causados, por alunos, em seus carros. Não foram poucos os casos em que carros de professores eram riscados ou danificados. Essas ações, na maior parte das vezes, não eram entendidas como um simples ato de vandalismo, mas como uma ação orientada para repreender, intimidar ou coagir professores

Na outra escola, em vários momentos, eu me sinto mesmo como um refém. Às vezes, quando eu ouço um colega falar: ‘meu carro foi riscado’; me dá até taquicardia e eu saio preocupado. Principalmente quando você percebe que, num determinado momento, algum aluno não está muito satisfeito com a sua postura. Aí, pronto, parece que aquilo é um aviso. Aí dá uma aflição, dá um medo realmente, dá um medo de ir embora. Aí eu penso: é melhor não vir de carro. Mas se eu não vier de carro eu vou a pé. Tudo isso é uma constante mesmo de você se colocar numa situação de refém. (ALVES, 2006, p. 126)

Para elucidar as causas que levam os alunos a praticarem atos de violência, Soares e Machado (2014) relatam que na 36ª Reunião Nacional da ANPEd, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, em depoimentos coletados, professores distinguem duas categorias fundamentais acerca das origens da violência contra eles, onde uma explica a violência através de um caráter biopsíquico e outra que parte do reflexo social compreendendo principalmente a desigualdade social e as relações familiares.

Os docentes situam a perspectiva biológica através da agressividade compreendida como inerente aos indivíduos. Charlot define agressividade como “uma pré-disposição biopsíquica reacional, que pode desencadear situações de agressão e violência” (2002 *apud*

SOARES; MACHADO, 2014 p. 7). Freud, igualmente, considera a agressividade como “instintiva do ser humano, o que o inclinaria a situações competitivas e/ou a cometer situações de violência” (1980 *apud* SOARES; MACHADO, 2014, p.7). Observaram-se essas questões na fala do professor a seguir:

A gente sabe que o ser humano já tem essa característica, não é? Se a gente não tivesse a agressividade, não teríamos evolução. Sem esse impulso não sairíamos do lugar, então, mesmo que esses casos sejam realmente absurdos e causem indignação, temos que ver que toda violência é formada desse fator da agressividade. Temos que fazer com que nossos alunos utilizem essa agressividade para outras coisas e não para nos agredir.
PO09EPR.EFII²

Portanto, essa pulsão, biológica ou psicológica, funcionaria como uma linguagem para esses alunos. Ela se manifesta em ataques rotineiros à instituição escolar, seus usuários e seus representantes (professores e funcionários) e pode ser caracterizada, na maioria das vezes, por afrontas banais e aparentemente gratuitas, como também por casos de violência extrema, deteriorando as relações nesse ambiente. É desta forma que a característica biopsíquica da agressividade ganha destaque no conteúdo geral das representações sociais dos professores, em termos da violência contra eles próprios.

Os reflexos sociais se confirmam como os aspectos mais arraigados à representação social de violência contra o professor entre os docentes de instituições públicas e privadas, sendo indiscutivelmente os elementos marcantes e norteadores dessa representação social. A relação estabelecida entre violência e os eventos sociais é trazida à tona através dos reflexos da classe social a que pertencem os alunos; das comunidades em que estão inseridos; da família da qual fazem parte; e das mídias a que tem acesso.

Cabe assinalar que, conforme colocaram os participantes, a desigualdade social tanto pode desencadear comportamentos agressivos para os desprovidos economicamente, quanto para os alunos de classes mais abastadas, que atribuem valores comerciais a educação escolar. Essa última afirmação é corroborada pela fala seguinte do professor da rede particular: As escolas particulares principalmente. Elas dão mais preferência ao aluno do que ao professor

² A caracterização dos professores se refere: PO (Professor); PA (Professora); 01 (respondeu a entrevista nº 01); EPR (Escola Privada); EPU (Escola Pública); EM (Ensino Médio); EFII (Ensino Fundamental II).

porque a escola hoje é um comércio muito forte, onde o professor não tem vez, o que tem vez é o cliente que é o aluno que paga. PO03EPR.EFII3

Tendo em vista todos os tipos de violência e os fatores que as causam esse fenômeno, de acordo com Libânio:

O cotidiano do professor não tem sido muito confortável, pois são muitos os papéis assumidos por estes profissionais, diante de um horizonte de desafios, como baixos salários, baixa auto-estima, ausência de valorização e indisciplina dos educandos. Tudo isso, nos faz ver que muitos professores, fiquem hoje com medo, com pavor do seu trabalho, provocando muitos problemas para a vida profissional. (2004, *apud* ARAUJO, 2016 p. 4).

Problemas como a síndrome de Burnout que é um distúrbio emocional com sintomas de exaustão extrema, estresse e esgotamento físico resultante de situações de trabalho desgastante, transtornos emocionais, altos níveis de estresse, e a depressão profunda, são algumas conseqüências que a violência causa nos professores. Em 2018, a Secretaria Municipal de Educação concedeu 3.055 licenças por doenças como transtorno ou reação ao estresse, depressão e esquizofrenia – o que equivale a uma licença a cada três horas. O número corresponde a 8% do quadro de professores do município.⁷

Já Araújo (2016), ressalta a falta de garantias que assegurem aos professores que não serão, direta ou indiretamente, agredidos, interfere muito na qualidade do trabalho por eles realizado. Afinal, o próprio processo educativo exige, algumas vezes, atitudes e posturas que nem sempre irão agradar os alunos. Contudo, isso não impede que o desagrado seja manifesto e até mesmo discutido. Atitudes assim, além de mostrar o desespero de alguns professores diante das agressões, revelam o quanto a instituição escolar tem falhado em garantir um ambiente mínimo onde se pudesse educar e ser educado.

ANÁLISE DAS NOTÍCIAS DE VIOLÊNCIA CONTRA O PROFESSOR NO AMBIENTE ESCOLAR.

³ A caracterização dos professores se refere: PO (Professor); PA (Professora); 01 (respondeu a entrevista nº 01); EPR (Escola Privada); EPU (Escola Pública); EM (Ensino Médio); EFII (Ensino Fundamental II).

A relação aluno e professor está em constante modificação, o respeito deu lugar a afrontas e a desaforos, a importância do professor como formador, passou a ser desvalorizado na sala de aula, bem como na sociedade e a relação do professor com seu próprio trabalho, passou a ser de medo e angústia.

É alarmante as notícias que decorrem da violência que o professor sofre em seu próprio ambiente de trabalho e o que esses atos causam, como consequência na vida dos mesmos.

Figura 1- Professora de escola tem braços quebrados por aluno em Porto Alegre



Fonte: Diário do Grande ABC

Segundo o Diário do Grande ABC (2010) uma professora de uma escola técnica em Porto Alegre (RS) teve os dois braços e seis dentes quebrados após ser espancada por um aluno do curso de enfermagem que ficou revoltado por ter tirado uma nota baixa. Após tomar conhecimento de sua nota, o rapaz utilizou uma cadeira de ferro para agredir a professora, de 57 anos. Os braços dela foram atingidos no momento em que tentou se defender. Mesmo depois de ela ter desmaiado, o estudante, que é instrutor de artes marciais, desferiu socos e chutes, quebrando os dentes da professora. Ao perceber a chegada de duas professoras, o aluno decidiu fugir.

Figura 2 - Depois de ser agredido, professor de escola no Rio pede afastamento



Fonte: VITPORIO (2018)

De acordo com a reportagem do jornal Exame14 de 2018, relatou que um vídeo circulou nas redes sociais mostrando alunos humilhando e agredindo o professor Thiago dos Santos Conceição, de 31 anos, no Ciep (Centros Integrados de Educação Pública) Municipal Mestre Marçal, localizado no Rio das Ostras, litoral norte do Rio de Janeiro.

Gravado na sala de aula durante uma prova, é possível ouvir diversos alunos rindo durante as cenas. “Vai matar o professor, cara? Faz isso não. O cara te dá aula, o cara é bacana”, diz um dos colegas de classe. A resposta é curta e grossa: “o cara nunca mais vai dar (aula)”. É possível ver um dos alunos respondendo à prova com palavrões e, depois, rasgando-a na cara do professor. “Aí, professor, acabou a prova”, diz ele.

Em outro momento, uma pochete é arremessada na direção de Thiago enquanto ele escrevia algo na lousa. Quando questiona se a intenção era acertá-lo, recebe a resposta de um dos alunos: “Querida, agora ‘perai’ que agora vou acertar”. A gravação também mostra Thiago sendo empurrado para que a porta da sala fique aberta e um rapaz quebrando o quadro negro.

Em consequência disso, em entrevista ao G1, Thiago afirma que pediu afastamento e que “deseja continuar com a profissão, mas teme pela sua vida”.

Figura 3 - Professora de SP é envenenada em sala de aula por alunos do 4º ano



Fonte: CORREIO DO ESTADO (2020)

Conforme o Correio do Estado uma professora da rede estadual de ensino de São Paulo, foi envenenada por alunos do 4º ano. Os estudantes, de 10 a 11 anos, colocaram veneno para insetos na garrafa da educadora, que se sentiu mal e foi encaminhada pela equipe da Escola Dr. Aniz Badra, no Grajaú, na zona sul da capital, para um pronto socorro da região. Ela foi medicada e recebeu alta no mesmo dia. A informação foi confirmada pela Secretaria Estadual de Educação que repudiou o ato.

Em nota, a Secretaria de Segurança Pública, informou que a diretora da unidade de ensino acionou a Polícia Militar após a professora da 4º serie passar mal ao tomar água de uma garrafa que estava em sua mesa. O caso foi registrado como envenenamento de água potável, no 101º DP (Jardim das Embuias). Ainda de acordo com a pasta, o caso seguirá para a Vara da Infância.

Em suma esses são alguns exemplos dos tipos de violência sofrida pelo professor que elucidada a vivência dos docentes, no ambiente escolar e que reforça ainda mais a necessidade de mudanças na relação da escola e professor, onde o mesmo tenha um espaço de fala, um espaço de troca e parceria; e na relação do professor e aluno, no qual ambos possam aprender juntos,

que o diálogo possa ser efetivo e que a sala de aula possa ser um lugar de formação, um ambiente de educar e ser educado.

FORMAS DE COMBATER A VIOLÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR.

É notável as repercussões que a violência causa e como ela afeta o relacionamento de todos no ambiente escolar. Casos dessa magnitude não devem ficar sem a devida atenção, pois se trata de algo importante, que pode refletir tanto no futuro de quem agride tanto no que é agredido.

Inicialmente a escola precisa garantir um ambiente propício para que o professor possa trabalhar, bem como o aluno possa aprender, um lugar em que se estabeleça o sentimento de pertencimento, para que o aluno reconheça e respeite seu espaço de formação.

Desenvolver também atividades e políticas públicas para valorização do trabalho docente em parceria com técnicos pedagógicos, psicólogos, assistentes sociais, secretarias de educação, saúde e direitos humanos, buscando desenvolver resultado positivo de seus trabalhos direcionando de modo ao máximo de aproveitamento. Ajustar o espaço escolar no que diz respeito a aparência física de modo a torná-lo mais agradável e prazeroso, melhorando o aspecto e a estrutura das salas de aula, reestruturando ou criando a sala dos professores, a biblioteca, o laboratório, a sala de apoio pedagógico, a sala de informática e a secretaria com recursos financeiros vindos do governo e outros órgãos.

Outra iniciativa, para esse combate, é a formação do aluno, no qual não deve se pautar apenas nos conteúdos curriculares, mas em promover a cidadania, a opinião crítica e a capacidade de reflexão de cada um. O indivíduo é um ser complexo, sendo assim, a escola deve estar preparada para as inúmeras demandas que o mesmo traz, para que essa formação se dê de forma a transformar não só o aluno como também a sociedade.

Formação mesmo de opinião, formação do cidadão. Eu acho que é a partir daí. A partir do momento em que o aluno tem a consciência, tem a sua opinião e sabe discernir o certo do errado, as conseqüências e que a situação dele, não só a dele, mas a da família, da comunidade depende da ação dele (as coisas mudarão). Eu acho que cabe a nós mostrar isso. (ALVES, 2006, p. 148).

Outro ponto é o estreitamento das relações com a família e a comunidade. Na escola atual, tem-se visto a família cada vez mais distante, do acompanhamento da vida escolar dos filhos e isso afeta diretamente, não só no trabalho do docente quanto no desenvolvimento do próprio aluno. A comunidade também tem um papel importantíssimo, pois o reflexo do que acontece fora da escola interfere significativamente nas relações dentro da escola, tanto para o bem, quanto para o mal.

Nesse sentido, Santos (2016) ressalta, que essas iniciativas também envolvem o desenvolvimento de trabalhos em conjunto com as famílias dos alunos conscientizando-as das necessidades de acompanhamento da vida escolar dos seus filhos durante o ano letivo. Bem como para Alves (2006) que destaca que a escola, para a comunidade, não deve ser vista como algo que só serve aos alunos a ela vinculados e sim para a sociedade como um todo. É então um patrimônio público que não deve ser depredado e utilizado, sem regras, para qualquer fim. Afinal, tanto a escola como a comunidade compartilham da mesma realidade e, na maioria das vezes, quando há problemas, ambas sofrem.

Ainda convém lembrar que é preciso fazer um trabalho de prevenção da violência nas instituições, procedimentos esses, que analise a convivência dos alunos e observe como se dá a relação dos docentes com os alunos, na sala de aula para que assim possa discutir as necessidades e avaliar a melhor forma de abordar o assunto para a obtenção de resultados satisfatórios, nas medidas que serão tomadas.

Além disso a punição dos agressores também é uma forma de combater a violência, que segundo Soares e Machado (2014) se não houver correção, pode gerar mais manifestações de violência para com o professor. Sendo assim é preciso, retirar o aluno de sala, conversar com os responsáveis e até mesmo, dependendo do caso, uma repreensão policial. Em suma para se combater a violência são necessárias medidas tanto de prevenção, para evitar este mal que atinge os espaços escolares bem como sua comunidade, quanto de correção, para suprimir essas ocorrências no ambiente escolar. Como também implantar propostas de intervenções na escola que visem traçar os elementos principais que orientam o nascimento das políticas públicas voltadas para a superação das condutas violentas que atingem os estabelecimentos escolares,

fazendo assim com que a escola continue a ser um lugar de formação integral e reflexivo de seus alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tudo que foi exposto e analisado, no presente trabalho, permite concluir que a violência contra o professor, se dá de inúmeras formas, por diferentes causas e está se tornando crescente, na escola contemporânea, gerando conseqüências no trabalho dos docentes, bem como na saúde dos mesmos.

No decorrer da pesquisa, as informações coletadas possibilitaram compreender quais são as motivações que levam aos alunos a atos violentos, os efeitos da isenção dos pais e responsáveis, no âmbito acadêmico, dos filhos bem como entender os diferentes cenários vivenciado pela escola e pelos alunos, a ela inseridos, visto que tanto os fatores internos e externos influenciam na relação do professor-aluno e aluno-escola.

Através dos autores, percebe-se que houveram muitas mudanças nas escolas e na política, no decorrer da história, porém com tais transformações houveram conquistas, como o acesso democrático e gratuito, para todos e também perdas, em relação a disciplina e respeito ao professor e a escola.

O reflexo dessas perdas são professores doentes, com medo de irem para seus próprios trabalhos, com falta de apoio, das instituições e do governo. Como visto anteriormente o papel do professor mudou, porém é necessário manter um bom ambiente para passar e adquirir conhecimento.

O mundo moderno, adquiriu novas demandas, porém a educação continua sendo o caminho para a transformação da sociedade, sendo assim a escola deve ser um local de formação de cidadãos conscientes e responsáveis, sem espaço para a violência, de qual seguimento for.

Todos temos um papel importante no combate a violência contra os professores, seja como família, para trabalhar de forma conjunta com a escola, seja os professores, que podem elaborar debates e atividades, em torno do assunto, tal como a escola, que atuará na aproximação da comunidade, dos pais e também na prevenção desses atos e por fim das políticas públicas, que garantirão um local de trabalho adequado para os docentes. Sendo assim,

por ser algo recorrente, porém com pouca visibilidade, é fundamental a continuidade da análise e reflexão desse cenário possibilitando encontrar novas formas de combater a violência, tendo como alvo a erradicação dessa problemática.

REFERÊNCIAS

ALVES, Renato. As escolas em bairros com alta taxa de violência: a visão dos professores. *In*: RVOTTI, Cáren; ALVES, Renato; CUBAS, Viviane de oliveira. **Violência na Escola: Um guia para pais e professores**. São Paulo: Andhep, 2006. p. 109- 147. Disponível em: https://www.imprensaoficial.com.br/downloads/pdf/projetossociais/violencia_escola.pdf. Acesso em: 23 set. 2019.

ARAUJO, Maria José Pessoa de Andrade. Violência no Cotidiano dos Professores: Análise de suas Causas e Conseqüências. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, Paraíba, v. 11, p. 221-231, dez. 2016. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/violencia-cotidiano-professores>. Acesso em: 25 set. 2019.

CORREIO DO ESTADO. **Professora de SP é envenenada em sala de aula por alunos do 4º ano**. [S. l.]: Correio do Estado, 2020. Não paginado. Disponível em: <https://correiodoestado.com.br/cidades/professora-de-sp-e-envenenada-em-sala-de-aula-por-alunos-do-4-ano/367641>. Acesso em: 15 maio 2020.

DECONTE Aidê Ferreira *et al.* O mal-estar na educação em análise. *In*: FARIAS, Cecília Maria Martins. **O professor sob pressão: prevenções e enfrentamento da violência no ambiente de trabalho**. Porto Alegre: Simpro, 2012. p. 35- 41. Disponível em: <https://issuu.com/sinprors/docs/professorsobpressao>. Acesso em: 30 set. 2019.

DIÁRIO DO GRANDE ABC. **Aluno quebra os braços e seis dentes de professora no Rio Grande do Sul**. [São Paulo]: Diário do Grande ABC, 2010. Disponível em: <https://www.dgabc.com.br/2017/Noticia/141241/aluno-quebra-os-bracos-e-seis-dentes-de-professora-no-rio-grande-do-sul>. Acesso em: 15 maio 2020.

PASSOS, Arlei Ferreira. O aluno desrespeitador. *In*: PASSOS, Arlei Ferreira. **Indisciplina, falta de Limites, violência e fracasso Escolar: Compreender e Educar**. São Paulo: Centauro, 2011. p. 97- 103.

ROFRIGUES, Rui Martinho. **Pesquisa Acadêmica: como Facilitar o Processo de Preparação de suas Etapas**. São Paulo: Atlas, 2007.

SANTOS, Helen. **A violência presente nas relações entra alunos e professores no contexto escolar: um estudo bibliográfico**. Orientadora: Maria de Lourdes da Silva Leite Basto. 2016. 23f. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado em Educação e Direitos humanos: escola,

violências e defesa de direitos) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Araranguá, 2016. p. 1- 24. Disponível em: <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Artigo-Helen.pdf>. Acesso em: 01 out. 2019.

SOARES, Michelle Beltrão; MACHADO, Laêda Bezerra. Sentimentos compartilhados e práticas docentes frente ao fenômeno da violência contra o professor. **Revista Educação e Emancipação**, São Luís, MA, v. 7, n. 1, p. 107-127, jan /jun., 2014. Disponível em: <http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/reducacaoemancipacao/article/view/3309/2581>. Acesso em: 01 out. 2019

VITPORIO, Tamires. Depois de ser agredido, professor de escola no Rio pede afastamento. **Exame**, [s. l.], 2018. Não paginado. Disponível em: <https://exame.com/brasil/depois-de-ser-agredido-professor-de-escola-no-rio-pede-afastamento/>. Acesso em: 15 maio 2020.